

CESPE – Simulado 3
Questões de vários concursos
Colaborador: Henrique Nuno Fernandes

Texto 1 – O mercado da privacidade

1. Entre outros absurdos da vida norte-americana,
2. importamos a delação premiada, que ameniza a pena em
3. troca do pecado. Ao incentivar a delação, estimulam-se
4. falsos testemunhos contra pessoas inocentes e se acatam
5. denúncias caluniosas a serviço da inveja e da vingança.
6. Alega-se o presumido benefício maior, na proteção da
7. sociedade contra o crime, mas o efeito real é o de
8. transformar os delatores em trapos – se ainda não são – e,
9. em muitos casos, causar a morte moral de pessoas honradas.
10. Sendo, como é, uma aventura da matéria, a vida dos
11. homens só se justifica com o pleno exercício de ser.
12. Liberdade é o direito natural que temos para fazer tudo o que
13. desejarmos, desde que, nesse livre-arbítrio, não causemos
14. danos aos outros. Na síntese política de um mestiço – o
15. mexicano Benito Juarez –, o direito alheio é a paz.
16. A liberdade reclama também aquilo a que hoje
17. chamamos privacidade. Todos nós temos direito a espaços
18. invioláveis aos olhos e aos ouvidos alheios. Seja pelo pudor,
19. pela timidez, pelo prazer ou pela conveniência, a nossa vida
20. pessoal deve ser resguardada. Ela é a extensão social de
21. nosso corpo, de nossa alma, com sua única transcendental
22. realidade. Ao incentivar a delação e ao fazer dos registros
23. oficiais um bem de mercado, o Estado deixa de ser o
24. guardião da liberdade.

Mauro Santayana. Jornal do Brasil, 11/6/2006 (com adaptações).

Com referência ao texto acima, julgue os itens a seguir.

1. A idéia defendida nesse texto é a de que o Estado, ao estimular a delação premiada, transforma a privacidade em bem de mercado e deixa de ser guardião da liberdade.

1. Item Correto – O autor posiciona-se contra a delação premiada. Vejam a confirmação: “Ao incentivar a delação e ao fazer dos registros oficiais um bem de mercado, o Estado deixa de ser o guardião da liberdade”.

2. Depreende-se do texto que a delação premiada, cujo fundamento advém do direito dos Estados Unidos, contempla o exercício do livre-arbítrio – direito natural de se fazer tudo que se deseja –, mas fere direito alheio.

2. Item Correto – Os delatores podem dizer o que quiserem, mas, ao darem falsos testemunhos e denúncias caluniosas contra pessoas inocentes, ferem o direito dessas pessoas.

3. A oração “que ameniza a pena em troca do pecado” (l.2-3) poderia, com igual correção, estar expressa com a seguinte estrutura: onde, em troca do pecado, ameniza-se a pena.

3. Item Errado – Não se pode substituir o “que”, por “onde”, pois o primeiro é sujeito, retomando anaforicamente a expressão “a delação premiada”, e “onde” seria adjunto adverbial de lugar, o que deixaria a frase gramaticalmente incorreta. **Vejam:** “Entre outros absurdos da vida norte-americana, importamos a delação premiada, que (= a delação premiada) ameniza a pena, em troca do pecado”.

4. Por comporem oração com sujeito indeterminado, as formas verbais “estimulam-se” (l.3) e “se acatam” (l.4) poderiam estar, conforme faculta a norma gramatical, flexionadas no singular, tal como ocorre com “Alega-se” (l. 6).

4. Item Errado – Com verbos transitivos diretos, seguidos de “se”, há sempre sujeito paciente, e, não, sujeito indeterminado, conforme afirma a questão. Os sujeitos dos dois primeiros verbos estão no plural, por isso esses verbos devem ficar **obrigatoriamente** no plural. Observemos: “O que” se estimula? – **Resposta:** falsos testemunhos, portanto “falsos testemunhos” – sujeito – estimulam-se, ou, são estimulados.”O que não se acata? – **Resposta:** denúncias caluniosas, assim “denúncias caluniosas” – sujeito – não se acatam, ou não são acatadas. O verbo “alegar” está no singular, pois o sujeito é singular: “O que” se alega? – **Resposta:** o presumido benefício maior, por conseguinte, “o presumido benefício maior” – sujeito – alega-se, ou é alegado.

5. Na linha 8, a oração entre travessões poderia, com correção gramatical e de forma mais enfática, assim ser expressa: se caso ainda não os sejam.

5. Item Errado – Tanto “se” como “caso” são conjunções condicionais, por isso jamais se devem empregar juntas. Ao empregarmos o conectivo “caso”, teríamos esta estrutura: caso ainda não os fossem.

6. Mantém o sentido original do texto a seguinte reescrita do período “Sendo, como é, (...) exercício de ser” (l.10-11): Somente se a vida dos homens for uma aventura da matéria é que ela poderia justificar o pleno exercício de ser.

6. Item Errado – A oração reduzida de gerúndio “Sendo uma aventura da matéria” expressa causa em relação à oração principal (= A vida dos homens só se justifica como o pleno exercício de ser porque é uma aventura da matéria). Já a oração proposta na questão indica condição, o que alteraria as relações semânticas do período.

7. O trecho “não causemos danos aos outros” (l.13-14) poderia ser corretamente substituído por: não provoquemos prejuízo às outras pessoas.

7. Item Correto – Os dois trechos são sinônimos, portanto a substituição de um pelo outro não alteraria as relações de sentido.

Texto 2

- 1 O livro nos permite sempre escapar de nosso contexto espaço-temporal imediato. Em nossos dias,
2 a leitura pressupõe uma transcendência *sui generis*, ou seja, a que se dirige ao conjunto do gênero
3 humano, em sua infinita variedade. O homem, que hoje é possuidor de várias identidades, aprende a
4 ser judeu com Proust, católico com Greene, irlandês com Joyce, colombiano com García Márquez e,
5 em cada um desses livros, pode fazer a aprendizagem da alteridade, identificando-se, sucessiva ou
6 simultaneamente, com cada personagem.

Sérgio Paulo Rouanet. Do fim da cultura ao fim do livro. In: Eduardo Portella (org.). Reflexões sobre os caminhos do livro. São Paulo: UNESCO-Moderna, 2003, p.76-77 (com adaptações).

Julgue os itens subseqüentes, relativos ao texto acima.

8. Haveria transgressão das exigências da norma culta escrita se o primeiro período do texto apresentasse a seguinte redação: O livro sempre permite que escapemos de nosso contexto espaço-temporal imediato.

8. Item Errado – Na reescritura do primeiro período, houve duas mudanças que não prejudicariam a norma culta. A primeira foi a posição do advérbio “sempre”, que não provocaria erro; a segunda, que também não causaria erro gramatical nem semântico foi a transformação da oração reduzida de infinitivo “escapar” pela desenvolvida correspondente “que escapemos”.

9. Se a expressão “se dirige” (l.2) for substituída por é dirigida, preservam-se a correção gramatical, a coerência textual e as informações originais do texto.

9. Item Correto – Preservam-se a correção gramatical, a coerência textual e as informações originais do texto se a expressão “se dirige” – voz passiva sintética - for substituída por é dirigida – voz passiva analítica.

Observação:

A voz passiva analítica é formada por um verbo auxiliar, seguido do verbo principal (geralmente com os verbos ser, estar e ficar).

A voz passiva sintética ou pronominal é formada com um verbo transitivo direto ou verbo transitivo direto e indireto na terceira pessoa (singular ou plural), acompanhado do pronome apassivador se.

Vejamos a transformação: Vende-se **uma casa** = **Uma casa** é vendida; **a que se dirige ao conjunto do gênero humano** = **a que** é dirigida **ao conjunto do gênero humano**.

10. Em “aprende a ser judeu” (I.3-4), a presença de preposição é exigida pela regência da forma verbal do infinitivo “ser”.

10. Item Errado – A presença da preposição a é exigida pela regência da forma verbal “aprende”.

Observação:

Segundo Celso Cunha, in *Dicionário prático de regência verbal*, Editora Ática, “Quando o objeto é infinitivo (oração infinitiva), vai este regido de preposição a: *Cedo aprendeu a desenhar e a pintar (cp. Cedo aprendeu desenho e pintura).*”

Texto 3

A macroeconomia preocupa-se com o funcionamento global da economia, buscando identificar os fatores que determinam os níveis nacionais de renda, produção e despesas, emprego e preço, além do balanço de pagamentos.

A premissa da macroeconomia – e a lógica para os governos administrarem a economia – é que existem certas forças que transcendem mercados individuais. O nível de despesas de uma economia afeta todos os mercados em maior ou menor grau, além dos níveis globais de emprego e preços. Assim, se as despesas totais forem muito baixas em relação à produção potencial da economia, o resultado provável será um crescente desemprego. Se forem muito altas, causando um superaquecimento da economia, o resultado poderá ser inflação e/ou crescente importação, levando a problemas no balanço de pagamentos.

ISTO É. Enciclopédia compacta de conhecimentos gerais, p. 252 (com adaptações)

Com base nas idéias do texto, julgue os seguintes itens.

11. A macroeconomia considera que existam “forças” que transcendem mercados individuais.

11. Item Correto – É correto afirmar que a “macroeconomia considera que existam ‘forças’ que transcendem mercados individuais. Essa afirmação encontra-se no texto: “A premissa da macroeconomia – e a lógica para os governos administrarem a economia – é que existem certas forças que transcendem mercados individuais”.

12. Níveis nacionais de renda, produção e emprego; despesas; preços e balanço de pagamentos são conseqüências da macroeconomia.

12. Item Errado – Níveis nacionais de renda, produção e emprego; despesas; preços e balanço de pagamentos são causas da macroeconomia, isto é, afetam as condições macroeconômicas.

13. Quanto maior for o nível de despesas de uma economia, maiores serão os níveis globais de emprego e preços.

13. Item Errado – Não se afirma no texto que “Quanto maior for o nível de despesas de uma economia, maiores serão os níveis globais de emprego e preços”. O que se declara é que se as despesas “*forem muito altas, causando um superaquecimento da economia, o resultado poderá ser inflação e/ou crescente importação, levando a problemas no balanço de pagamentos*”.

14. A conseqüência provável de despesas totais muito baixas em relação à produção potencial da economia é um desemprego crescente.

14. Item Correto – Está correta a afirmação de que a “conseqüência provável de despesas totais muito baixas em relação à produção potencial da economia é um desemprego crescente”. Vejam a confirmação no texto: “Assim, se as despesas totais forem muito baixas em relação à produção potencial da economia, o resultado provável será um crescente desemprego”.

Texto 4 – As ações de respeito para com os motoristas

1. Motorista, ao primeiro sinal do entardecer, acenda os faróis. Procure não usar a meia-luz.
2. Não use faróis auxiliares na cidade.
3. Nas rodovias, use sempre os faróis ligados. Isso evita 50% dos atropelamentos. Seu carro fica mais visível aos pedestres.
4. Sempre, sob chuva ou neblina, use os faróis acesos.
5. Ao se aproximar de uma faixa de pedestres, reduza a velocidade e preste atenção. O pedestre tem a preferência na passagem.
6. Motorista, atrás de uma bola vem sempre uma criança.
7. Nas rodovias, não dê sinal de luz quando verificar um trabalho de radar da polícia. Você estará ajudando um motorista irresponsável, que trafega em alta velocidade, a não ser punido.
8. Esse motorista, não sendo punido hoje, poderá causar uma tragédia no futuro.
9. Não estacione nas faixas de pedestres

Internet: <http://www.pedestres.cjb.net> (com adaptações).

Considerando o texto, julgue os itens a seguir.

15. As relações semânticas no terceiro tópico permitem subentender a idéia de porque entre “atropelamentos” e “Seu”.

15. Item Correto – Na segunda oração está contida uma justificativa para a idéia expressa na primeira: “evitar 50% dos atropelamentos” é o motivo apresentado para que se use sempre os faros ligados nas rodovias. Vejamos a nova redação: Nas rodovias, use sempre os faróis ligados, porque isso evita 50% dos atropelamentos.

16. No quarto tópico, a circunstância “sob chuva ou neblina” tem função caracteristicamente explicativa e, por isso, se for retirada, não se alterarão as condições de uso para “faróis acesos”.

16. Item Errado – O adjunto adverbial “sob chuva ou neblina” especifica (= restringe, limita) o uso de faróis acesos – somente sob chuva ou neblina. Dessa forma, se for retirado, as condições de uso para “faróis acesos” serão alteradas. Em outras palavras, sem a expressão “sob chuva ou neblina”, devem usar-se sempre (em qualquer circunstância) os faróis acesos.

17. Embora o vocativo “Motorista” esteja explícito apenas em dois tópicos do texto, o emprego dos tempos verbais indica que está subentendido em todos os demais.

17. Item Correto – O uso dos tempos verbais no imperativo, terceira pessoa, indica que o vocativo “Motorista” está subentendido em todos os demais.

18. O sexto tópico, diferentemente dos outros, não explica a ação do motorista, apenas fornece uma condição para que seja subentendida cautela.

18. Item Correto – Neste tópico, subentende-se que o motorista deve ter cautela, para que não atropеле as crianças que virão atrás da bola.

Texto 5

1 Palavras requerem momentos para chegarem à plenitude na língua em que são usadas.

Há palavras

2 eternas, como adeus, há palavras sinistras, como déficit, há palavras importadas, como *glamour* e há

3 palavras que soam, como estampido. Escalafobético é um adjetivo que o Aurélio consagra como gíria 4 brasileira, de uso pouco freqüente, mas que tem seus momentos de glória, a depender dos humores da

5 alma nacional.

Noemio Spinola. Jornal do Brasil, Opinião, p. 11, 9/9/87.

De acordo com o texto, julgue os itens abaixo:

19. O vocábulo “adeus” (I.2) aparece com sentido denotativo.

19. Item Correto – A palavra “adeus” está usada em sentido denotativo, isto é, o vocábulo apresenta o sentido próprio, real.

20. Não se pode considerar como gíria uma palavra de uso pouco freqüente.

20. Item Errado – Não é a freqüência de uso que caracteriza a “gíria”. A “gíria” é “linguagem que emprega palavras de forma e/ou significado compreendidos apenas por membros de um grupo” (*Larousse escolar da língua portuguesa*).

21. O sentido denotativo de “Escalafobético” (I.3) é desengonçado, torto.

21. Item Errado – O vocábulo “Escalafobético”, em sentido denotativo, significa “esquisito”, “extravagante”.

22. Algumas palavras de nossa língua apresentam significados que não são adequados.

22. Item Errado – No texto, não há a informação de que algumas palavras de nossa língua apresentam significados que não são adequados.

23. Levando-se em consideração que “Escalafobético” (I.3) não é uma palavra usual na língua portuguesa, ela apresenta significante, mas não significado, para a maior parte da população brasileira.

23. Item Correto – “Significante” é a representação material ou acústica da palavra; “significado”, é o conceito transmitido pelos sons ou pelas letras das palavras. Como o uso do vocábulo “Escalafobético” é pouco freqüente, deduz-se que, para a maioria da população, essa palavra apresenta apenas significante, ou seja, uma imagem acústica, mas não significado (a maioria das pessoas não conhece o sentido semântico desse vocábulo).

24. O autor faz uma dura crítica ao uso de palavras estrangeiras na língua portuguesa.

24. Item Errado – O autor não critica o uso de termos estrangeiros, apenas declara, não emitindo opinião, que “há palavras importadas, como *glamour*”.

25. Para o autor, “estampido” (I.3) é uma onomatopéia.

25. Item Errado – O autor afirma que a palavra “estampido” tem som (que soa), o que é diferente de “onomatopéia” (Onomatopéia é o emprego de palavras que tentam reproduzir sons ou ruídos. Exemplo: tlintlim - da campainha).

26. Gírias não são consideradas palavras de uma língua.

26. Item Errado – Para o autor, “gírias” são consideradas palavras de uma língua, pois elas existem, inclusive estão nos dicionários (“Escalafobético é um adjetivo que o Aurélio consagra como gíria brasileira”).

27. Nem todas as palavras têm a mesma duração, em uma língua.

27. Item Correto – Segundo o texto, há palavras eternas (adeus) e palavras de uso pouco freqüente(escalafobético).

28. Depois que as palavras caem em desuso, não podem mais ser usadas por nenhum falante da língua.

28. Item Errado – O texto não faz a afirmação de que “depois que as palavras caem em desuso, não podem mais ser usadas por nenhum falante da língua”. É claro que os falantes de uma língua têm liberdade de usar as palavras que quiserem.